

Título da dívida externa supera 100% do seu valor

JORNAL DE BRASÍLIA

O C-Bond, principal título da dívida brasileira no exterior, subiu 0,75%, ontem, chegando a 100,25% do seu valor de face. É a primeira vez na história que o título supera o seu valor integral. Em outubro de 2002, logo após as eleições presidenciais, o C-Bond era negociado a 49% do seu valor de face. O risco Brasil, por sua vez, caiu ontem para 412 pontos, o nível mais baixo desde 24 de outubro de 1997, quando fechou a 405 pontos. O C-Bond é o principal título brasileiro que entra na composição do risco-país. Acompanhando a euforia nos mercados, o Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa) subiu 1,7% e fechou em 23.716 pontos, o nível mais alto da sua história.

De acordo com o coordenador da Unidade de Política Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco, as empresas brasileiras deverão ter mais facilidade para negociar a rolagem das suas dívidas neste momento. Ele afirmou,

também, que as decisões sobre novas captações devem acompanhar o bom humor dos investidores com o Brasil. "Talvez, as empresas esperem um pouco para ver se o risco-país diminui ainda mais", explicou o economista.

A taxa de juros do C-Bond é de 8% ao ano. Mas, seu valor real está estritamente ligado ao deságio. Em 2002, por exemplo, chegou a valer 45%

de seu valor nominal. Um dos períodos em que esteve mais em alta foi em 1997, antes da crise asiática. Valia 87,5% de seu valor de face.

Quando chega a 100%, como ontem, é nego-

ciado sem deságio no mercado secundário, ou seja, na revenda. O resultado atual demonstra segurança do investidor internacional no título brasileiro. Desse modo, há a perspectiva de que o governo esteja plenamente apto a honrar seus compromissos, quitando dívidas contraídas a partir desses títulos. De acordo com as regras de emissão do C-Bond, o Banco Central tem a opção de recomprar esse papel.

Logo após as eleições presidenciais, o papel era negociado a 49% do seu valor de face